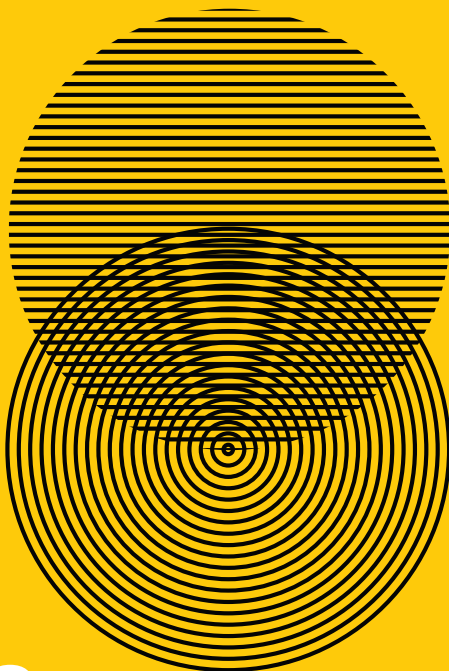


David B. Florsheim
(Org.)

PSICANÁLISE



Vozes da psicanálise

Clínica, teoria e pluralismo

Volume 1
1900 - 1942

Blucher



VOZES DA PSICANÁLISE

Clínica, teoria e pluralismo

Organizador
David B. Florsheim

VOLUME I

1900-1942

Vozes da psicanálise: clínica, teoria e pluralismo

© 2022 David B. Florsheim (organizador)

Editora Edgard Blücher Ltda.

Publisher Edgard Blücher

Editor Eduardo Blücher

Coordenação editorial Jonas Eliakim

Diagramação Taís do Lago

Produção editorial Kedma Marques

Preparação de texto Samira Panini

Revisão Bárbara Waida

Capa Cristiano Gonçalves

Blucher

Rua Pedroso Alvarenga, 1245, 4º andar

04531-934 – São Paulo – SP – Brasil

Tel.: 55 11 3078-5366

contato@blucher.com.br

www.blucher.com.br

Segundo o Novo Acordo Ortográfico, conforme

5. ed. do *Vocabulário Ortográfico da Língua*

Portuguesa, Academia Brasileira de Letras,

março de 2009.

É proibida a reprodução total ou parcial por quaisquer meios sem autorização escrita da editora.

Todos os direitos reservados pela Editora Edgard Blücher Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação
na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Vozes da psicanálise: clínica, teoria e pluralismo: volume 1 de 1900-1942 / organizador David B. Florsheim. – São Paulo : Blucher, 2022.

312 p.

Bibliografia

ISBN 978-65-5506-388-2 (impresso)

ISBN 978-65-5506-389-9 (eletrônico)

1. Psicanálise I. Florsheim, David B.

22-5350

CDD 150.195

Índice para catálogo sistemático:

1. Psicanálise

Conteúdo

Introdução	13
SIGMUND FREUD (1856-1939)	
1. O inconsciente	23
<i>Caio Padovan</i>	
2. Fort-dá, o jogo da criança	29
<i>Adela Judith Stoppel de Gueller</i>	
3. Contribuições de Freud ao conceito de psicose e à função do delírio	35
<i>Ana Lúcia Mandelli de Marsillac</i>	
4. O sentimento do estranho	41
<i>André De Martini</i>	
5. Transferência: motor e obstáculo	47
<i>Lucas Simões Sessa</i>	
6. Desamparo: uma condição humana	53
<i>Maíra Humberto Peixeiro</i>	
<i>Natália Alves Barbieri</i>	
<i>Ruth Gelehrter da Costa Lopes</i>	

7. Construções na análise: ampliações clínicas	59
<i>Martina Dall'Igna de Oliveira</i>	
8. Pulsão de morte: sobre a destrutividade psíquica	65
<i>Mônica Medeiros Kother Macedo</i>	
<i>Eurema Gallo de Moraes</i>	
9. Sobredeterminação (<i>Überdeterminierung</i>)	71
<i>Paulo José Carvalho da Silva</i>	
10. Para-excitações: um sistema de proteção especializado	77
<i>Thiago Pereira Majolo</i>	
11. O conceito de repetição em Freud	83
<i>Marianna Tamborindeguy de Oliveira</i>	
12. Três modelos do trauma	87
<i>Marianna Tamborindeguy de Oliveira</i>	
13. Mal-estar na cultura	93
<i>Lucianne Sant'Anna de Menezes</i>	
LOU ANDREAS-SALOMÉ (1861-1937)	
14. O erotismo	101
<i>Paula Regina Peron</i>	
VICTOR TAUSK (1879-1919)	
15. Aparelho de influenciar	109
<i>Claudia Henschel de Lima</i>	
KARL ABRAHAM (1877-1925)	
16. Teoria psicanalítica da libido	117
<i>Davi Berciano Flores</i>	

SÁNDOR FERENCZI (1873-1933)

17. Os ecos do silêncio na identificação com o agressor 125
Cassandra Pereira França
18. A empatia e a elasticidade: entre a técnica e a ética 129
Débora Gaino Albiero
19. Função vitalizante do analista 135
Débora Gaino Albiero
20. Sonhos traumáticos 141
Jô Gondar
21. Desmentido: uma inovação conceitual
de Sándor Ferenczi 147
Mônica Medeiros Kother Macedo
22. Autenticidade e hipocrisia no trabalho
clínico do psicanalista 153
Wilson de Albuquerque Cavalcanti Franco

OTTO RANK (1884-1939)

23. O duplo na clínica 161
André De Martini
24. O mito do nascimento do herói: desejo e culpa 167
Viviana Carola Velasco Martinez
25. O trauma do nascimento: a origem
do sofrimento humano 173
Viviana Carola Velasco Martinez

WILHELM STEKEL (1868-1940)

26. Os estados nervosos de angústia 181
Caio Padovan

27. “O sonho é um microcosmo no qual todo o macrocosmo mental está espelhado” 187

Marina Bialer

MARGARETE HILFERDING (1871-1942)

28. Metapsicologia do amor materno 195

Thaís Becker de Campos

Monah Winograd

SABINA SPIELREIN (1885-1942)

29. Pulsão de morte (pulsão de conservação da espécie) 201

Camila Terra da Rosa

SIEGFRIED BERNFELD (1892-1953)

30. Considerações sobre o lugar social e sua influência no tratamento analítico 207

Marcus Vinicius Neto Silva

MAX EITINGON (1881-1943)

31. Origens do modelo tripartido de formação em psicanálise 215

David Borges Florsheim

PAUL FEDERN (1871-1950)

32. As fronteiras do eu e o ganho de realidade na psicose 223

Maria Teresa de Melo Carvalho

GEORG GRODDECK (1866-1934)

33. O isso: sujeito indeterminado 231

Ana Gebrim

RUTH MACK BRUNSWICK (1897-1946)

34. Conflitiva pré-edípica nas meninas 239
Camila Terra da Rosa

OTTO FENICHEL (1897-1946)

35. Teoria da técnica e análise das resistências 247
José Henrique Parra Palumbo

ERNEST JONES (1879-1958)

36. Racionalização: explicações no divã 255
Izabel de Madureira Marques

WILHELM REICH (1897-1957)

37. Caráter e resistência 263
Antonio Dégas Mendes Junior
38. Ideologia: uma força material 269
Maria Lucia Macari

MARIE BONAPARTE (1882-1962)

39. Complexo de perfuração 277
Sarug Dagir Ribeiro
40. *Quantum* (plural: *quanta*) psíquico(s) 283
Sarug Dagir Ribeiro

MARIE BONAPARTE (1882-1962)**E RUDOLPH LOEWENSTEIN (1898-1976)**

41. Falo passivo 291
Sarug Dagir Ribeiro

JEANNE LAMPL-DE GROOT (1895-1987)

42. Édipo ativo das mulheres	299
<i>Camila Terra da Rosa</i>	
Sobre os autores	305

1. O inconsciente

Caio Padovan

Apesar da presença precoce da noção de inconsciente em textos considerados pré-psicanalíticos, a primeira menção explícita ao conceito em questão se encontra na obra *Estudos sobre a histeria*, publicada por Freud em 1895, em parceria com Josef Breuer.

Já em seu primeiro capítulo, na descrição do caso “Anna O.”, Breuer diz ser possível demonstrar clinicamente que os sintomas histéricos da paciente encontram no “inconsciente” (*Unbewusste*) o seu verdadeiro “estímulo” (*Reiz*).¹ No terceiro capítulo dessa mesma obra, também de autoria de Breuer, na seção “Representações inconscientes e não passíveis de consciência – cisão da psique”, o conceito de inconsciente é pela primeira vez discutido em termos teóricos. Na ocasião, o autor defendeu a ideia de que a produção de sintomas histéricos implica a participação de representações inconscientes, representações que permanecem ativas mesmo após terem sido afastadas da consciência por meio de um processo de “cisão

¹ “Jede Abendhypnose lieferte den Beweis, dass die Kranke völlig klar, geordnet, und in ihrem Empfinden und Wollen normal war, wenn kein Product des zweiten Zustandes, im Unbewussten, als Reiz wirkte. . .” (p. 36).

da psique”. Uma primeira aplicação técnica desses princípios pode ser encontrada no quarto e último capítulo dos *Estudos*, assinado por Freud e intitulado “Sobre a psicoterapia da histeria”.

No ano seguinte, em 1896, no artigo *Novas considerações sobre as neuropsicoses de defesa*, Freud aplica essas mesmas hipóteses teóricas a outras afecções psicopatológicas, neste caso, às obsessões, às fobias e a um caso de paranoia crônica. Lembramos ainda que, durante esse mesmo período, numerosos comentários sobre a noção de inconsciente são feitos por Freud em cartas enviadas a seu colega Wilhelm Fliess. Em correspondência datada de 6 de dezembro de 1896, por exemplo, o futuro psicanalista esboça um primeiro modelo de aparelho psíquico, cujo funcionamento dependerá da articulação entre diferentes sistemas psíquicos: perceptivo, inconsciente, pré-consciente e consciente. Tal modelo será desenvolvido e discutido em detalhe no sétimo capítulo da obra *A interpretação dos sonhos* (1900).

Uma primeira grande síntese da concepção freudiana de inconsciente se encontra em um artigo inicialmente publicado em 1912, com o título: *Alguns comentários sobre o conceito de inconsciente na psicanálise*. Nesse trabalho, Freud estabelecerá uma distinção fundamental entre inconsciente “descritivo” e inconsciente “dinâmico”, apontando, por fim, para a existência de um inconsciente “sistemático”. Este último será desenvolvido de maneira aprofundada três anos mais tarde, em 1915, no artigo *O inconsciente*. Uma revisão parcial da teoria do inconsciente será ainda feita por Freud em 1923, no célebre artigo *O eu e o id*.

Quando falamos em inconsciente descritivo, nos referimos à presença ou à ausência, dentro do campo da consciência, de um elemento psíquico de natureza sensorial. O termo técnico empregado por Freud para designar esse elemento psíquico é *Vorstellung*, em geral traduzido para o português por “ideia” ou “representação”.

Do ponto de vista clínico, esse elemento poderá corresponder, por exemplo, a um conteúdo visual ou acústico que, por diferentes razões, se encontra momentaneamente inacessível à consciência, como o esquecimento de um rosto ou de um nome próprio. Não podemos nesse caso confundir representações com afetos ou emoções. Segundo Freud, não existem afetos ou emoções inconscientes, mas apenas ideias ou representações que poderão, eventualmente, estar associadas a um ou mais elementos afetivos. De um ponto de vista metapsicológico, um afeto poderá, por exemplo, se expressar de maneira consciente e qualitativa, como uma emoção de amor ou ódio, ou então se exprimir de maneira puramente quantitativa enquanto intensidade pulsional.

Ao longo de uma análise, é comum se deparar com situações desse tipo, quando um paciente se emociona ao evocar certas lembranças ou se angustia face a exigências pulsionais não satisfeitas.

Dentre os elementos psíquicos inconscientes de natureza sensorial, Freud distingue aqueles que, em condições normais, podem se tornar conscientes daqueles que, contrariamente, não podem aceder à consciência. Os primeiros ocuparão um espaço psíquico que ele denomina “pré-consciente”, uma espécie de antessala da consciência capaz de acolher memórias ou lembranças potencialmente conscientes. Os segundos ocuparão um espaço psíquico diferente, que receberá o nome de “inconsciente” e será considerado por Freud uma zona apartada do pré-consciente, separada deste por uma barreira que impede o acesso de certas representações à consciência. Por implicar o deslocamento de uma instância psíquica acessível à consciência para outra inacessível à consciência, esse inconsciente receberá o nome de inconsciente dinâmico. O termo técnico utilizado por Freud para designar esse movimento de deslocamento de uma instância a outra será *Verdrängung*, substantivo alemão traduzido para o português por “recalque” ou “repressão”.

De um ponto de vista clínico, ideias ou representações serão recalçadas ou reprimidas quando associadas a afetos muito intensos ou a emoções demasiado aflitivas. A imagem visual de um rosto ou a imagem acústica de um nome próprio poderá, por exemplo, ser afastada da consciência quando associada a um evento traumático. O termo empregado por Freud para designar a força que impede o acesso ao inconsciente por intermédio do pré-consciente é *Widerstand*, normalmente traduzido por “resistência”. O esquecimento e a racionalização são formas frequentes de resistência observadas na clínica.

Quando um paciente muda de maneira repentina o rumo de suas associações, temos boas razões para supor que as representações omitidas foram recalçadas, permanecendo afastadas da consciência pela força da resistência. Para fins de defesa, o paciente tentará por vezes justificar a impertinência dos assuntos tratados, tamanho o incômodo envolvido.

Após circunscrever esse novo espaço psíquico, o inconsciente – instância que abrigará representações recalçadas –, Freud vai finalmente introduzir a ideia de inconsciente sistemático. Segundo o psicanalista, o sistema inconsciente deverá se distinguir do chamado sistema pré-consciente/consciente em função de algumas características especiais. Dentre essas características, podemos destacar a indistinção entre realidade e fantasia, o não reconhecimento da “negação” enquanto operador lógico e a indiferença à temporalidade cronológica. Assim, enquanto sistema psíquico independente, entende-se que o inconsciente não se reduz a seu aspecto descritivo, isto é, a um conjunto de representações não conscientes, nem a seu aspecto dinâmico, quer dizer, a um reservatório de representações recalçadas.

Cabe ainda lembrar que, para Freud, o inconsciente será também habitado por um conjunto de representações muito particulares,

as ditas fantasias originárias, supostamente herdadas filogeneticamente. Para além disso, como o psicanalista passará a defender a partir dos anos 1920 o inconsciente em sentido estendido, pensado para além da esfera psíquica, também deverá incluir as tendências biológicas representadas pelo id, contemplando assim as ditas pulsões de morte, bem como as chamadas pulsões sexuais e de auto-conservação. Da mesma forma, no interior do psiquismo, o inconsciente deverá integrar uma boa parte das interdições da cultura, representadas aqui pelo supereu e responsáveis pela ação do recalque. Por fim, o inconsciente freudiano abarcará ainda uma importante porção do eu que se encontra inacessível ao pensamento consciente.

Referências e indicações de leitura

- Breuer, J., & Freud, S. (1895). *Studien über Hysterie*. Leipzig und Wien: Franz Deuticke.
- Freud, S. (1915/2006). O inconsciente. In S. Freud, *Obras Psicológicas de Sigmund Freud* (Escritos sobre a psicologia do inconsciente, Vol. II, pp. 13-74). Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1923/2011). O eu e o id. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. XVI). São Paulo: Companhia das Letras

2. Fort-dá, o jogo da criança

Adela Judith Stoppel de Gueller

Em *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/1996) – texto fundamental da psicanálise, teórico e especulativo, mas que responde às questões mais instigantes da clínica psicanalítica –, encontramos a formulação mais detalhada de Sigmund Freud sobre o brincar da criança. Qual é o fio que alinhava assuntos tão diversos como o trauma, os sonhos repetitivos das neuroses de guerra, a compulsão à repetição e a brincadeira infantil?

Ernst, 18 meses, neto de Freud, é uma criança obediente: não toca em objetos proibidos, não entra em certos lugares da casa, não incomoda os pais à noite e não chora quando sua mãe, Sofia, sai para trabalhar. Mas algo inquieta os adultos. Insistente e repetitivamente, ele joga objetos para longe até vê-los desaparecer, e os adultos têm de buscá-los e devolvê-los.

Sofia, Hermine Hug-Hellmuth (a primeira psicanalista de crianças) e Sigmund o observavam. A mãe já lhe havia pedido que não jogasse coisas embaixo da cama, mas o menino continuava. Teria alguma dificuldade para aprender a usar brinquedos? Não entendia o que lhe diziam? Por que essa insistência em fazer sumirem objetos?

Refletiram e concluíram que não se tratava de um problema: era apenas um jogo – operação fundamental da subjetividade infantil.

Freud usa o termo *Spiele* para designar o que podemos traduzir tanto por *jogo* como por *brincadeira*. E, como no inglês (*to play*) e no francês (*jouer la scène*), o verbo *spielen* também significa *representar* (como no teatro). Por isso ele diz que a encenação lúdica se aproxima da encenação teatral, e, pelo mesmo motivo que vamos ao teatro assistir a uma tragédia, a criança pode representar situações que lhe causaram dor, fruindo em troca um prazer estético.

Pouco tempo depois surgiu uma segunda parte que completava o jogo: puxando a cordinha, Ernest fazia reaparecer o carretel. Às vezes ele encenava só o primeiro ato, outras vezes, o jogo completo, mas comparando as duas situações seu maior prazer era quando o carretel reaparecia. O menino podia agora brincar sozinho, sem depender dos adultos. Ganhara autonomia ou, como disse Winnicott (1958/1998), dera um passo importante para poder ficar a sós.

Para decidir qual era o sentido do jogo, Freud usou o mesmo método com que interpretava os sintomas e a transferência, os sonhos, os chistes e os *lapsus linguae*: prestou atenção ao que se repetia. Esses fenômenos que a ciência do fim do século XIX excluía do campo da razão e situara como disfuncionais ou como erros ocasionais, Freud os recuperou e lhes encontrou uma racionalidade, uma lógica, um sentido.

Assim como nos sonhos as imagens não representam o que se vê, Freud conclui que no brincar os objetos não valem por si mesmos: uma panela pode ser um chapéu, uma folha pode ser um avião, uma bolacha, um telefone. Por isso, assim como os sonhos, o brincar precisa de interpretação e condensa o essencial da função de simbolização. O jogo também implicava um grande progresso cultural: em vez de chorar quando a mãe ia embora, a criança tinha aprendido

ou criado um jogo que representava seu desaparecimento e seu regresso. A criança estava em posição ativa, era o sujeito agente que decidia os destinos da representação de sua mãe. Brincar lhe permitia abandonar a posição passiva, de objeto, e se dar uma indenização mandando embora e fazendo retornar o brinquedo substituto simbólico da mãe tantas vezes quanto desejasse.

Freud percebeu também que, quando o menino jogava o carretel para dentro do berço e o perdia de vista, dizia “o-o-o”, e, quando puxava o fio e o fazia aparecer, dizia “a-a-a-a”. Interpretou então que “a-a-a-a” significava *dá* (aqui está) e “o-o-o”, *fort* (fora, longe, lá), ou seja, supôs que esses fonemas tinham um sentido. A expressão *bedeutung volle Laute*, fonemas carregados de significação, indicava que, mesmo antes de ser um falante pleno, a criança já podia construir oposições simbólicas dando evidências de sua inserção na linguagem. Em nota de rodapé, Freud assinala que Ernst brincava também de fazer desaparecer sua imagem no espelho. Agachava até que sua imagem sumisse de seus olhos e, quando a mãe voltava depois de horas fora de casa, dizia “neném-o-o-o” (*fort*).¹ Ele também era, pois, parte de seu jogo; o eu era um objeto a mais com que brincava. Identificado com sua mãe, Ernst desaparecia e a fazia regressar fazendo-se regressar a si.

Freud relata ainda que, aos dois anos e meio, Ernst brincava de jogar no chão um brinquedo do qual enjoara e lhe dizia: “Vai à gue(r)ra!”. Tinham-lhe contado que seu pai, que estava ausente, se encontrava no campo de batalha. Agora, o jogo simbolizava a rivalidade edípica e comportava uma personificação: o brinquedo metaforizava o soldado-pai sendo mandado embora. Freud comenta que, assim como antes não chorava quando a mãe ia embora, agora

¹ Estando num momento anterior à aquisição do *shifter* da primeira pessoa (“eu”), a criança se referia a si mesma pelo próprio nome ou por expressões como “o neném”.

parecia não sentir a falta do pai. No *fort-dá*, Ernst estava identificado com a mãe; no “Vai à gue(r)ra!”, com o pai. Nos dois casos, brincava de afastar um objeto: primeiro, apenas pequenos objetos que nomeava; inseria-se no campo da linguagem e criava um campo de jogo subtraído à onipotência simbólica da mãe. Aos dois anos e meio, os pequenos objetos perderam importância e apareceram personagens que inscreviam relações, diferenças: ele era o general que dava ordens no soldado-pai. Com a personificação, o jogo se libertava até dos brinquedos e só dependia da imaginação, mas para isso o eu precisava ter permanência simbólica para além da imagem especular.

Algumas crianças com variadas questões de linguagem (autismo, psicose, distúrbios específicos, debilidade) encontram dificuldade nos jogos de personificação, que se sustentam no “vamos fazer de conta que eu era” e requerem desidentificação. Algumas não conseguem não ser algum dos personagens da história, outras ficam sem poder mudar de papel: duas valiosas indicações clínicas no brincar de quando uma análise pode ser importante para uma criança.

Referências e indicações de leitura

- Dunker, C. (1996/2013). *A psicose na criança: tempo, linguagem e sujeito*. São Paulo: Zagodoni.
- Freud, S. (1908/1996). El creador literario y el fantaseo. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. IX). Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1920/1996). Más allá del principio del placer. In S. Freud, *Obras Completas* (Vol. XVIII). Buenos Aires: Amorrortu.

- Klein, M. (1929/1996). Personificação no brincar das crianças. In M. Klein, *Amor, culpa e reparação e outros trabalhos (1921-1945)* (pp. 228-239). Rio de Janeiro: Imago.
- Winnicott, D. W. (1958/1998). A capacidade para estar-só. In D. W. Winnicott, *O ambiente e os processos de maturação* (pp. 31-37). Porto Alegre: Artes Médicas.

O objetivo desta Coleção é dar voz à diversidade existente na psicanálise a fim de possibilitar ao leitor diálogos com variadas compreensões clínicas. Para isso, apresenta capítulos curtos, claros, com ilustrações clínicas e que abordam alguns conceitos dos principais autores da história da psicanálise. Os textos - escritos por psicanalistas familiarizados com esses conceitos - contêm valiosas indicações de leitura para o leitor interessado em aprofundamentos posteriores. A premissa da Coleção é que a riqueza da prática e da teoria psicanalíticas provém sobretudo de sua pluralidade, e não das concepções de um ou outro autor isoladamente.

Os capítulos deste volume apresentam conceitos de Freud, Ferenczi, Abraham, Federn, Groddeck, Reich, Tausk, Fenichel, Bonaparte e onze outros autores.

PSICANÁLISE

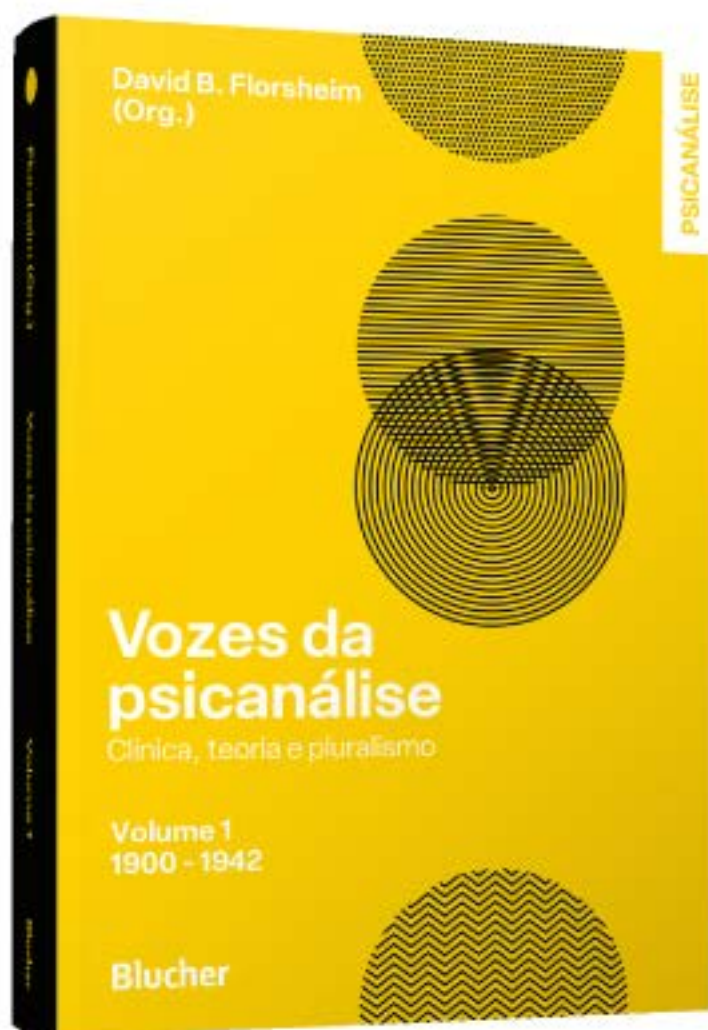


9 786555 063882



www.blucher.com.br

Blucher



Clique aqui e:

[VEJA NA LOJA](#)

Vozes da psicanálise - Volume 1: 1900-1942

Clínica, teoria e pluralismo

David B. Florsheim

ISBN: 9786555063882

Páginas: 312

Formato: 17 x 24 cm

Ano de Publicação: 2022
